

Almeida Garrett e o Brasil: pontes literárias

Almeida Garrett and Brazil literary bridges

Hugo Lenes MENEZES*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)

RESUMO: O diálogo da cultura escrita do Brasil com a do exterior é acentuado. Aqui a arte verbal é um legado do colonizador europeu. Por isto, as nossas manifestações literárias iniciais são encaradas como ressonâncias das metrópoles. Este fato origina uma interessante terminologia (a luso-brasileira), a qual é utilizada na classificação de um grupo de obras publicadas por autores portugueses que moram na Colônia durante o domínio do império lusitano. Alguns deles, como o Padre Antônio Vieira e Tomás Antônio Gonzaga, muito se identificam com os nossos valores e são considerados integrantes de um patrimônio comum aos dois países. Embora tal diálogo diminua depois de uma maior penetração da cultura francesa no século XIX, Brasil e Portugal continuam parceiros. Assim sendo, no presente artigo, abordamos o lusitano Almeida Garrett nas suas relações com a nossa cultura letrada.

PALAVRAS-CHAVE: Almeida Garrett. Relações literárias. Portugal. Brasil.

ABSTRACT: The dialogue of the writing culture of Brazil with the exterior is accented. Here the verbal art is a legacy of the European colonizers. Therefore, our initial literary manifestations are seen as resonances of the metropolises. This fact leads to an interesting terminology (the Luso-Brazilian), which is used in the classification of a group of works published by Portuguese authors who live in the Colony during the Portuguese Empire. Some of them, like the Padre Antônio Vieira and Tomás Antônio Gonzaga, identify a lot with our values and are considered members of a heritage that belongs to both countries. Although such dialogue decrease after a greater penetration of the French culture in the 19th century, Brazil and Portugal are still partners. Therefore, in this article, we discuss the Lusitanian Almeida Garrett in its relations with our literate culture.

KEYWORDS: Almeida Garrett. Literary relations. Portugal. Brazil.

* Doutorado em Teoria e História Literária pela UNICAMP; Pós-Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa pela USP. E-mail: hugomenezes@ifpi.edu.br

Introdução

O diálogo da cultura escrita do Brasil com a do exterior é acentuado. Aqui a arte da palavra é um legado do colonizador europeu. Por isto, as nossas manifestações literárias iniciais são encaradas como ressonâncias das metrópoles. Deste fato se origina uma interessante terminologia (a luso-brasileira), a qual começa a ser utilizada nas letras a partir da classificação de um grupo de obras de autores portugueses que moram na colônia durante o domínio do império lusitano. Alguns deles, como o Padre Antônio Vieira e Tomás Antônio Gonzaga, muito se identificam com os nossos valores e são considerados pertencentes a um patrimônio comum.

Embora tal diálogo diminua depois de uma maior penetração francesa no século XIX, Portugal e Brasil, com as suas diferenças culturais e linguísticas, continuam parceiros, conforme exemplifica o caso de Almeida Garrett. Este se revela, nos Oitocentos, o primeiro lusitano a julgar a nascente produção estético-verbal brasileira como já merecedora de abordagem histórica e crítica. Assim sendo, no presente trabalho, enfocamos Garrett e as suas relações com a nossa cultura letrada.

1. Relações brasileiras de Garrett

Antes da nossa independência de Portugal, época em que é acadêmico de Direito na Universidade de Coimbra, em seu país, o futuro autor de *Viagens na minha terra* (1846) e os seus pares brasileiros, entusiasmados com o pensamento liberal, rapidamente difundido em terras lusas, integram apaixonadamente a Sociedade Keporática, organização secreta do tipo carbonário, que se opõe ao sistema absolutista. Naquele período de intenso coleguismo, Garrett obtém relevantes informações acerca do Brasil e do seu povo, o que, aliado ao debate geral do tempo, entre outros textos, resulta no poema “O Brasil liberto”, escrito na aludida cidade portuguesa em 1820 e posteriormente integrado, como a ode VIII, ao hino II da obra *Lírica de João Mínimo* (1829), que corresponde ao manuscrito garrettiano 53, sob o título “Abençoando o Brasil a causa constitucional de Portugal”.

Tal publicação podemos inserir no gênero denominado *juvenília* e nela, utilizando-se do tom característico da ode, Garrett, que também defende a emancipação da Índia do comando luso, condena a invasão das virgens terras do Novo Mundo pela

cobiça imperialista, bem como a escravatura, sempre a incentivar a nossa autonomia política. Por outro lado, o intelectual enfocado como que manifesta a comunhão luso-brasileira em espírito, ao acreditar que as duas nações, a portuguesa e a brasileira, possam andar lado a lado. Nelson Harry Vieira, professor de literatura luso-brasileira e literatura judaico-brasileira da Universidade Brown, nos Estados Unidos da América (EUA), além de autor do livro *Brasil e Portugal: a imagem recíproca (o mito e a realidade na expressão literária)*, de 1991, registra que:

Afastado dos amigos brasileiros de Coimbra, Garrett enamorou-se do Brasil através dos trabalhos dum grupo de poetas de Minas Gerais. [...] Depois de se ter exilado voluntariamente por razões políticas em 1823, Garrett regressou, após ter visitado a Inglaterra e a França, e vinha imbuído do espírito romântico. [...] Os escritores portugueses como ele ainda estavam brincando com a bucólica literatura da Arcádia. [...] A sua sensibilidade perante a natureza se revelaria no *milieu* brasileiro. No *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* (1826), enquanto criticava a influência europeia em Santa Rita Durão, [...] Garrett sublinha, porém, que “... onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, há oitavas belíssimas [...]”. No caso do Brasil, o tema da natureza como reflexo do espírito nacional é reiterado quando Garrett elogia Gonzaga e o sucesso público da sua *Marília de Dirceu*, de 1792 (VIEIRA, 1991, p. 80).

.....
Devido à sua sensível visão da natureza, preconizada por Rousseau como a personificação do estado puro, e notória nos trabalhos de Chateaubriand, Garrett virou-se para o Brasil (*Ibidem*, p. 79).

Em nível específico de pontes literárias, constatamos não só influências exercidas por Garrett sobre literatos nossos, mas também como que um diálogo luso-brasileiro, haja vista a presença de ecos daqui na poesia e na prosa do autor português, cujos manuscritos, documentos políticos e literários, precedidos do catálogo dos autógrafos ou originais, são revelados a partir de 1871, momento em que se publica *Helena*, fragmento garrettiano de romance exótico, ambientado no Brasil. E, para a prosódia deste país naquela obra, muito contribui a experiência de Francisco Gomes de Amorim, secretário de Garrett. Oportunamente, Carlos D’Alge nos informa que:

O catálogo (dos autógrafos ou originais) foi elaborado pelo genro de Garrett, Dr. Carlos Guimarães, que tomou posse do espólio literário [...]. Todavia, a Francisco Gomes de Amorim deve-se creditar a classificação dos documentos, pois foi ele quem [...] iniciou a catalogação dos manuscritos, sobre a própria orientação do Visconde [...]. Gomes de Amorim conhecera Garrett através da leitura do poema *Camões* (1825), escrito no exílio em Paris, (leitura esta) feita em circunstâncias peculiares. Emigrara [...] para o Brasil, indo trabalhar no Amazonas. Aos treze anos, [...] encontra o poema numa cabana indígena [...]. Maravilhado com a leitura [...], regressa ao Pará, de onde partira para [...] a mata, e escreve a Garrett [...]. Recebe a resposta. Em 1846, Gomes de Amorim está em Lisboa. [...] Os editores alemães [...] de Garrett pedem uma biografia do poeta. Este encarrega Gomes de Amorim de escrevê-la (D’ALGE, 1980, p. 14-15).

Do espólio escrito de Garrett, dentro do seu luso-brasileirismo e em termos de literatura-ensaio, destacamos três títulos. O primeiro, “O brasileiro em Lisboa”, estampado em 1845 no primeiro número da *Ilustração, Jornal Universal*, sob o pseudônimo brasileiro Jacaré-Paguá, consiste em artigo na forma de crônica mundana epistolar, de catorze páginas, nas quais o seu autor expressa opiniões e confronta duas culturas, a do Velho e a do Novo Mundo. Ainda que produção menor, nela identificamos um ar de inovação por aclamar o nosso tropicalismo.

O segundo título corresponde a um texto de cunho político, *Portugal na balança da Europa*, inicialmente publicado em 1826 no jornal *O Popular*. Ali, Garrett aborda a colonização lusitana no Brasil até 1822, além de nos oferecer uma visão geral da jovem nação após a independência. E o terceiro título, “Da Europa e da América”, dado à luz também no periódico *O Popular*, permite ao escritor luso, contundentemente, bradar contra o feudalismo voraz do colonizador. Entretanto, Nelson Harry Vieira, ao reconhecer um lúcido portuguesismo garrettiano, que jamais compromete a filosofia política do criador de *Frei Luís de Sousa* (1844), nos esclarece que:

Esta crítica aos portugueses não é de modo algum indicativa de perda de patriotismo por parte de Garrett. Pelo contrário, o seu amor a Portugal e o seu orgulho nacional ecoam ao longo da maior parte das suas produções literárias. Não obstante, Garrett nunca deixou de se preocupar com a cena brasileira (VIEIRA, 1991, p. 81).

Na esfera da literatura estritamente ficcional, o escritor luso em pauta, mesmo sem conhecer *in loco* o nosso país, dele trata em dois romances inacabados de publicação póstuma, a saber: *Komurahy: história brasileira* (1956) e a já citada narrativa exótica, *Helena*. No primeiro fragmento de romance, de título ameríndio, como também o vai fazer no ensaio *Portugal na balança da Europa*, Garrett responsabiliza a metrópole lusitana pelo atraso econômico e educacional da colônia brasileira. Outrossim, na mesma composição prosística, ele mostra a sua alma romântica e a procura da brasilidade na natureza local. É por textos como a história do índio Komurahy que Garrett incentiva a “criação de um estilo nacional, que despertaria, a partir do século XIX, na poesia de Gonçalves Dias e nos romances indianistas de José de Alencar” (D’ALGE, 1980, p. 64).

No fragmento de romance *Helena*, o assunto é semelhante ao de *Komurahy*: denúncia contra o colonialismo insaciável, defesa da liberdade humana em face de todo

tipo de despotismo e exaltação da natureza do continente americano. Contudo, se no *Komurahy* a paisagem brasileira se delineia no colorido dos pássaros e do tropicalismo das frutas, adquire uma plasticidade maior em *Helena*, obra com enredo situado no sertão da Bahia à década de 1830, em volta de uma família nativa, cujo patriarca é um lusitano. Na verdade, a narrativa exótica *Helena* dá início à caricatura do “brasileiro” ou português de torna-viagem, que é tema recorrente durante o século XIX e nos remete às origens do próprio Garrett, cuja família enriquece no Brasil.

No citado *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* (1884), Garrett é o primeiro crítico a apontar, numa rápida apreciação dos valores literários brasileiros, o caminho da nossa originalidade, e sugere que nos inspiremos na terra e nos habitantes do Novo Mundo, com vistas a refletir a cor local, além de manter-se interessado pela nossa cultura até o falecimento dele. Estamos diante de uma ocorrência única, já que não verificamos, no Portugal anterior ao decênio de 1850, literatos da grandeza garrettiana que trabalhem, na produção ficcional, o nosso país.

No Brasil, Garrett conta, entre os românticos, com vários leitores, como Araújo Porto-Alegre, Gonçalves de Magalhães, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Fagundes Varela, Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, ao lado dos já referidos Gonçalves Dias e José de Alencar. Entre todos eles, escolhemos alguns para apresentar observações. No caso do poeta e artista plástico Araújo Porto-Alegre, amigo e confidente de Garrett, do qual pinta o retrato, com o português envergando a farda do corpo acadêmico, Carlos D’Alge assim se pronuncia:

É fora de dúvida a influência garrettiana na poesia de Porto-Alegre [...]. Os poemas “Brasileiras”, “Colombo” e, especialmente, “Voz da natureza” registram nítida presença de Garrett. Dele recebeu a teoria do Romantismo que transmitiria ao amigo Gonçalves de Magalhães (D’ALGE, 1980, p. 14-15).

Casimiro de Abreu, por muito tempo um dos mais conhecidos e lidos autores entre nós, parece ser um dos românticos brasileiros que apresentam as maiores afinidades literárias com Garrett. Inclusive, para este último, ele escreve os versos intitulados “O túmulo de um poeta” e subintitulados “À memória de Almeida Garrett”, após o criador de *Folhas caídas* (1853) vir a óbito em 10 de dezembro de 1854 na capital portuguesa, onde o trovador brasileiro então se encontra.

É diretamente inspirado no Canto Décimo do garrettiano *Camões* e nas leituras atentas dos periódicos *Ilustração Luso-Brasileira* e *O Panorama*, que Casimiro de Abreu chega a compor em Lisboa uma peça teatral histórica sobre o autor de *Os lusíadas* (1572) e o seu escravo. Falamos de *Camões e o Jau* (1856), cena dramática hoje quase esquecida. Os principais pontos de contato do nosso bardo com o épico romântico lusitano são: “O sentimentalismo, o predomínio da imaginação e da sensibilidade, a verdade subjetiva, a glorificação de Camões, como poeta sublime e herói de uma pátria que perde a sua independência” (D’ALGE, 1980, p. 14-15).

A produção de Gonçalves Dias, não obstante o seu exaltado nacionalismo, também é lusófila, ainda mais quando sabemos que o artífice de *Os timbiras* (1857), ao realizar curso de Direito na Universidade de Coimbra, entra em contato com os principais literatos da primeira fase do Romantismo luso. Como afirma Alfredo Bosi, “o poeta maranhense tem muito de português no trato da língua e nas cadências garrettianas do lirismo” (BOSI, 1997, p. 114).

José de Alencar, em forma de cartas dirigidas ao amigo Joaquim Serra, publica em 1874 no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, o ensaio literário *O nosso cancionero*, certamente seguindo as pegadas de Garrett no *Romanceiro e cancionero geral* (1843-1851). Neste, localizamos as indicações iniciais da presença brasileira na obra do autor lusitano, a começar pela inspiração popular da parte da sua velha ama Rosa de Lima, nascida no estado de Pernambuco, cuja Revolução de 1817 é vista com simpatia pelo humanista liberal e exilado.

De Manuel Antônio de Almeida, o romance *Memórias de um sargento de milícias* (1852-1853), em concordância com Jacinto do Prado Coelho (1997, p. 955), denota estreita relação com o também romance *O arco de Sant’Ana* (1845-1850), de Garrett, sobretudo por privilegiar as manifestações populares em meio às memórias históricas.

Do mesmo modo que, no começo do século XX, Mário de Andrade denomina o nosso Manuel Bandeira o “São João Batista do Modernismo”, em virtude das muitas inovações temático-formais bandeirianas, que antecipam as tendências do aludido movimento estético, no início dos Oitocentos, como canta Coelho de Carvalho nos versos “E tu, Garrett, tu foste o verdadeiro/João Baptista da nação ideal”, o autor das *Viagens*, ou melhor, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, ocupa o lugar de

um São João Batista moderno, ou seja, o de um precursor, de um arauto, de um pioneiro, no devir cultural luso-brasileiro. Isto porque, ele abre caminhos depois trilhados por outros autores de Portugal e de além-fronteiras. A este respeito, Josué Montello anota que:

à semelhança do que observou André Maurois na literatura francesa, quando assinalou duas famílias de escritores nos seus amplos domínios, uma que derivava de Chateaubriand, outra que procedia de Stendhal, poder-se-ia caracterizar, nas literaturas de língua portuguesa, dois caminhos ou tendências: uma derivada de Camilo Castelo Branco; outra procedente de Garrett. A primeira, mergulhando em camadas mais profundas as suas raízes, teria no Padre Antônio Vieira um dos seus antepassados mais expressivos, ao passo que a segunda, menos copiosa e não menos importante, teria no Padre Manuel Bernardes, comedido de frase e sóbrio de palavras, uma das suas figuras representativas. Se Machado de Assis procedia de Almeida Garrett (...), Coelho Netto era camiliano por excelência... (apud TAVARES, 1981, p. 396).

Realmente, o *Bruxo do Cosme Velho*, o dito realista Machado de Assis, sempre controlado nas suas expansões, não hesita em qualificar o romancista de *O arco de Sant'Ana* como divino e revela-se, assim, um garrettista fervoroso, entusiástico, um leitor, a um só tempo, aficionado do escritor português e dos modelos literários deste, pois a leitura de *Viagens na minha terra*, obra inserida na linhagem narrativa de Cervantes, leva Machado de Assis à *Viagem à roda de meu quarto* (1794), de Xavier de Maistre, e este, por sua vez, a seu modelo inglês – as obras de Lawrence Sterne –, herança reconhecida pelo prosador brasileiro no seu prefácio à quarta edição do *Brás Cubas*.

Conforme podemos observar em modelos externos acima referidos, como o português, o francês e o inglês, o nosso mestre carioca bebe a lição da narrativa-ensaio, a qual ele ajusta ao seu processo de contar e à sua filosofia de desencantos. E parece ter sido o crítico Macedo Soares aquele que flagra a relação do romance do defunto-autor machadiano com o livro de Garrett. Sobre este fato, dado o tópico da viagem, comum à narrativa lusa e à brasileira, Regina Zilberman tece este comentário:

Macedo Soares deve ter lembrado de Garrett desde a menção inicial de Brás Cubas a Xavier de Maistre, que aparece citado na primeira página de ambos os livros. Mas a viagem seria o tema a aproximar os dois autores, assunto que, se é evidente em Garrett, não parece tão óbvio no caso do texto de Machado, narrativa de cunho memorialista e que conta a história de uma vida, e não de um passeio. O percurso do protagonista das Memórias póstumas dá-se no tempo; o do sujeito narrador das Viagens na minha terra, no espaço que separa Lisboa de Santarém. Poder-se-ia pensar então que a proximidade deve-se à adoção de certos procedimentos estilísticos, como o diálogo com o leitor, a fragmentação narrativa, o emprego do humor. Mas

Machado propunha-se a tematizar a viagem, e esse propósito deve determinar o cotejo com Garrett (ZILBERMAN, 2003, p. 356).

No contexto em evidência, quando comemora o centenário de nascimento de Garrett, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em 4 de fevereiro de 1899, Machado de Assis afirma ser o escritor lusitano “um dos maiores da língua, um dos primeiros do século, e o que junta em seus livros a alma da nação com a vida da humanidade” (1992, p. 933). E assim fica declarada, com todas as letras, a admiração de Machado de Assis por Garrett, a quem não regateia louvores e devoções.

Haja vista a metaforização do autor em pai do texto escrito e deste em seu filho, ou a metáfora da filiação, uma relação figurada (hoje teorizada por Derrida, 1971, p. 61) e frequente nos Oitocentos, cumpre-nos recordar que Machado de Assis, ao discorrer sobre Garrett, mostra o mesmo entusiasmo supramencionado. Vejamos, então: “Não cabe aqui, feito às pressas, o estudo do autor de *Frei Luís de Sousa*, da *Adozinda* (1828) e das *Folhas caídas*, e, para só louvar tais obras, basta nomeá-las, como às outras suas irmãs” (ASSIS, 1969, s.n).

Tal admiração machadiana é compreensível. Até porque, relativamente à contribuição modernizadora do autor de *Camões* para o futuro da literatura luso-brasileira e, por que não dizer, lusófona, um dos mais autorizados críticos literários brasileiros, Antônio Soares Amora, acentua que: “[...] Garrett é um grande escritor, de cuja pena a língua portuguesa saiu [...] renovada e portanto apta para a compreensão, o agrado e até o encantamento do grande público leitor, muito diverso (do) aristocrático público da literatura clássica” (AMORA, 1969, s.n).

Nesta renovação garrettiana, que resulta numa linguagem literária “livre e fluente, pintalgada de humor, ironia e agudas observações” (MOISÉS, 1981, p. 131), vai beber Machado de Assis, o qual, nas suas narrativas da fase de maturidade, adota a técnica ensaística, de caráter digressivo, fragmentário e paródico, técnica esta que tem as suas raízes nos satiristas da Antiguidade, bem como no pensamento de John Locke, e que é utilizada por Garrett em *Viagens na minha terra*. Ademais, o sarcasmo, o travo incisivo do escárnio, com que o escritor luso revela algumas facetas do imaginário nacional, a exemplo do “barão” e do “frade”, ora provoca, no leitor, a gargalhada, ora o risinho de canto de boca, como Machado de Assis vai exprimir certo tipo de humor.

No século atual, através de diálogos imaginários entre Machado de Assis e a sua mulher, Carolina, diálogos estes que integram a peça teatral *Céu de lona* (2003), Décio Pignatari reitera, espirituosamente, a admiração do fundador da Academia Brasileira de Letras por Garrett. Eis um breve trecho:

MACHADO: - Não, minha querida provocadora. Vá isso à conta da própria liberdade, individual e pessoal, do seu romântico esposo, que não segue a moda, mas um possível modo só seu – embora guiado pelo seu Garré, que muito estou a admirar.

CAROLINA: “Garrete”, Machadinho, “Garrete”, que o nome é escocês (PIGNATARI, 2003, p. 38).

Recentemente, Hélio de Seixas Guimarães lança em volume a sua tese de doutorado, *Os leitores de Machado de Assis* (2004), em que, ao analisar as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, destaca a identificação entre o escritor brasileiro e Garrett, especialmente enquanto personalidades literárias atentas ao seu tempo e ao seu espaço:

O narrador, que aí comparece em primeira pessoa e com um ângulo de visão bastante restringido em relação aos romances anteriores, vem também com um sensível ajuste na sua intensidade vocal, o que o deixa mais de acordo com a sua pátria e com o seu século, qualidades que Machado de Assis defendia como fundamentais para o romance brasileiro e confessadamente apreciava no seu grande mestre Garrett (GUIMARÃES, 2004, p. 37).

Também como contribuição a este nosso artigo, contamos com um polígrafo integrante do Segundo Modernismo em Portugal. Referimo-nos ao escritor, editor, tradutor, historiador e crítico literário João Gaspar Simões, que, na biografia intitulada *Almeida Garrett, vida, pensamento e obra* (1964), faz o comentário infracitado:

Alguns dos mais notáveis romancistas brasileiros dos nossos dias, de Graciliano Ramos a Ciro dos Anjos e a José Lins do Rego, consciente ou inconscientemente, estão repetindo a lição das Viagens na minha terra; na poesia e no romance contemporâneo não se extinguiu ainda o poder de irradiação que se desprende da leitura deste livro em que há seja o que for de elétrico ou de radioativo (SIMÕES, 1964, p. 140-141).

Considerações finais

No trabalho ora concluído, evidenciamos como Almeida Garrett projeta o nosso país na sua produção escrita e discute a perspectiva do desenvolvimento entre nós de uma literatura nacional e singular no período estilístico dos Oitocentos, ao tempo em que enfocamos as estreitas relações do intelectual lusitano com a cultura letrada brasileira, junto à qual ele é sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico, da Academia Filomática e do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, bem como

do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, além de ser agraciado, pelo imperador D. Pedro II, com a Grã-Cruz da Ordem da Rosa.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Antônio Soares. Apresentação. In: GARRETT, Almeida. *Frei Luís de Sousa & Viagens na minha terra*. São Paulo: DIFEL, 1969.
- ASSIS, Machado de. Garrett. In: *Obra completa (Vol. III: crítica)*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- _____. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1969.
- BOSI, Alfredo. O romantismo oficial no Brasil. In: *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- D'ALGE, Carlos. *As relações brasileiras de Almeida Garrett*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Brasília: INL, 1980.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004.
- MOISÉS, Massaud. *Literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- PIGNATARI, Décio. *Céu de lona*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2003.
- SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett: vida, pensamento e obra*. Lisboa: Presença, 1964.
- TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- VIEIRA, Nelson Harry. Almeida Garrett e o Brasil liberto. In: *Brasil e Portugal: a imagem recíproca (o mito e a realidade na expressão literária)*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.
- ZILBERMAN, Regina. Almeida Garrett e a formação da consciência nacional no Brasil. In: MONTEIRO, Ofélia Paiva; SANTANA, Maria Helena (Org.). *Almeida Garrett: um romântico, um moderno*. Lisboa: INCM, 2003.